



A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA À MARGEM DA CIÊNCIA GOETHEANA a prática do diário da natureza

Juliana Maddalena Trifilio Dias ¹
Priscila Marchiori Dal Gallo ²

Resumo: No presente texto realiza uma discussão a respeito da educação geográfica para além dos saberes escolares e pensando o geográfico em uma dimensão constitutiva do ser-humano. Buscamos pensar uma educação geográfica que se ocupe em adensar a subjetividade a partir de práticas que priorizem a sensibilização e a frutificação de uma nova racionalidade. Para tanto, procuramos aportes que discutam a epistemologia, entendendo esta como a forma do conhecer que se valha do ato criativo como sua fundação e que coloca o entendimento de uma base ontológica para propormos uma educação geográfica que trate de subjetividade. Nossa proposta culmina na prática do Diário da Natureza, uma prática que se vale da arte como motor criativo e sensível diante da leitura geográfica de mundo que cada um constrói ao longo da vida, algo que nos constitui, atravessa nossa experiência e ultrapassa qualquer restrição a um saber escolarizado.

Palavras-chave: Educação geográfica. Epistemologia. Diário da Natureza.

THE GEOGRAPHICAL EDUCATION ON THE BANKS OF GOETHEAN SCIENCE the practice of the nature journal

Abstract: In the present text we seek to conduct a discussion about geographic education beyond school knowledge and geographic thinking in a constitutive dimension of being-human. We seek to think of a geographic education that focuses on increasing subjectivity based on practices that prioritize the sensitization and fruition of a new rationality. To do so, we seek contributions that discuss epistemology, understanding this as the form of knowing that uses the creative act as its foundation and that puts the understanding of an ontological basis to propose a geographical education that deals with subjectivity. Our proposal culminates in the practice of Nature's Diary, a practice that uses art as a creative and sensitive motor in the face of the geographic reading of the world that each one builds throughout life, something that constitutes us, crosses our experience and goes beyond any restriction to a scholarly knowledge.

Keywords: Geographic education. Epistemology. Nature Journal.

INTRODUÇÃO

Anunciar um texto sobre educação geográfica soa como algo vinculado a um métier profissional específico, no entanto, as percepções recorrentes em torno do espaço

¹ Doutoranda em Geografia pela Unicamp. Mestre em Educação pela UFJF. Docente Adjunta I da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: juliana.maddalena@ufjf.edu.br

² Doutoranda em Geografia pela Unicamp. Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: priscilamgallo@yahoo.com.br



geográfico afetam e convocam, cotidianamente, a todos nós professores e professoras de diversos campos e seus saberes.

O presente trabalho coloca a possibilidade de um diálogo entre uma busca epistemológica na ciência geográfica e a possibilidade de uma educação geográfica que se estenda ao domínio ontológico, isto é, ao próprio ser. Com ontológico queremos dizer, uma educação que não trata da transmissão de conteúdos disciplinares, mas sim, em um sentido mais forte, o educar é a possibilidade de dar densidade subjetiva desde o sentir, compreender e expressar a experiência mais profunda de cada indivíduo: o existir. Um existir que se percebe ramificado, entrelaçado, presente em sua realidade imediata. A densidade subjetiva dá-se concomitante com a percepção de que a realidade é uma espacialidade relacional, de modo que, a educação que adentra o domínio ontológico é um apropriar-se da logia do ontos: a subjetividade inserida radicalmente no cerne da realidade, uma subjetividade presente e viva que se apercebe da constituição comum da realidade, isto é, tessitura da realidade dá-se na logia do ser-com, da comunidade de cada ser existente.

Para esclarecermos, a busca epistemológica se define por uma aproximação com a proposta de ciência de Johann Wolfgang von Goethe, nascido na Alemanha na metade do século XVIII, exerceu diversas atividades no campo artístico e científico, tendo projeção internacional em sua época e sendo considerado uma figura central da literatura alemã na contemporaneidade tendo como obra mais conhecida Faust. Goethe é uma das figuras centrais na criação do movimento do Romantismo Alemão, sendo, assim, conhecido, sobretudo, pelos seus escritos poéticos, ele dedicou-se também aos estudos científicos envolvendo fenômenos da física e da biologia. Segundo Root (2004), Goethe entendia-se como um poeta e um cientista, acreditava “que ambas as vocações emergiam de um mesmo impulso e eram em seu cerne análogas” e “ele podia realizar a ciência e a arte mantendo seu desejo de um conhecimento humano unificado” (ROOT, 2004, p. 33 – tradução nossa).

A combinação entre arte e ciência se exprime com maior potência em uma perspectiva em que a arte não trata da mimese da realidade e de uma epistemologia que busca seu fundamento ontológico, isto é, o conhecer que se realiza a despeito da vinculação do fenômeno a uma teia de signos e significados. Sem ignorá-los, a epistemologia como a logia da episteme: a logia do conhecer, alcança o seu fundamento



ontológico quanto o mais busca o em si de cada fenômeno: a potência realizante de tudo que se apresenta. A epistemologia ganha potência quando se compreende que a logia do conhecer encontra seu cerne na logia do ontos: do ser. A arte é uma forma de sensibilizar-nos ao ontos: a fenomenalidade do fenômeno: o ser do fenômeno. Tratamos da epistemologia como um conhecer da logia do ser do fenômeno e, nesse sentido, propomos pensar a educação geográfica como caminho ou abertura para realizar um alargamento e um aprofundamento da subjetividade.

Portanto, nossa proposta não se trata de uma proposição exclusiva para a leitura geográfica de mundo que cada um constrói ao longo da vida, mas algo que nos constitui, atravessa nossa experiência de mundo e ultrapassa qualquer restrição a um saber escolarizado. A educação geográfica como possibilidade de realização de um horizonte de espriamento de si, um horizonte que possibilite conhecer e reconhecer a si mesmo em toda sua extensão se ocupa não do conteúdo geográfico, da disciplina, mas sim da apreensão do próprio estar presente de cada si mesmo, de dimensionar o geográfico desse si mesmo, de trazer o plano geográfico como plano existencial.

Em nosso entendimento, a abertura ao ser geográfico pode encontrar caminho na movimentação da subjetividade por experiências que a provoquem a se intensificar, a perceber-se presente e viva, que a defrontem com uma espacialidade plástica cuja tessitura dá-se na comum-idade do si e do outro. A educação geográfica propõe o geográfico como abertura no encontro com a outridade. Encontro que é, ao mesmo tempo, um expandir-se e um recolher-se num ato de acolhimento desse comum, o qual alarga e aprofunda a subjetividade. Todo encontro é algo que acontece no simples estar presente, no simples existir no mundo, na expressão do outro, sendo a escola um elemento integrante dessas experiências, os encontros dão-se em ambiente escolar, mas não apenas.

Destacamos a educação geográfica como algo que envolve uma situação inerente a cada um de nós e que pode ser explorado em sua potencialidade na escola. Pensar a educação geográfica como algo que, efetivamente, permite experimentar o mundo de forma integral, de modo que cada gesto, atitude, sentimento e palavra possam revelar nossa interioridade no processo educativo. Um modo através do qual cada sentido humano pode captar e expressar as diferentes maneiras de se experimentar o



mundo. Mas como a pluralidade no olhar, escutar, tocar, saborear e sentir podem ocupar cotidianamente nossos saberes geográficos escolares?

Propomos que a experiência do geográfico pode se potencializar quando instigada a expressão do próprio processo de abertura ao geográfico que entendemos trata de expressar a própria geograficidade. Aqui, conhecer e expressar-se estão entrelaçados, no sentido de que o conhecer: como apreensão da logia do ser em si, da fenomenalidade do si mesmo, envolve o conhecer a si mesmo, envolve conhecer a logia do ser. O conhecer como logia do ser, sendo esse ser geográfico, é o conhecer do geográfico: compreensão da grafia desse geográfico que perpassa entender também o ser do geográfico. O ser do geográfico se apresenta em nossa própria abertura ao nosso ser geográfico. O conhecer se dá como potência quando se torna em um processo criativo de expressão da própria logia do ser em si – que é sempre o ser geográfico. É o ato criativo que movimenta a subjetividade a reconhecer-se em sua inserção radical na realidade que possibilita um ato contínuo de conhecer, isto é, de alargar e aprofundar a própria subjetividade. A arte se apresenta como motor desse ato criativo.

Nesse sentido trazemos a ideia da confecção de um Diário da Natureza – originalmente Nature Journal. Este diário daria espaço ao processo criativo da subjetividade: o processo de confecção do diário fomenta a sensibilidade de cada subjetividade numa empreitada de conhecer-se, nunca como indivíduo isolado, mas, sempre, na interlocução ativa e sensível com uma outridade. O diário é um momento de pausa, de atenção e reflexão, é um momento de romper com a imediatez da exposição de conteúdos, é a possibilidade de romper a postura passiva de absorção de conteúdos e incentivar a positividade da criação de conteúdos, um momento de relativizar as verdades absolutas presentes no campo científico, social e cultural. É um momento de potencializar a criatividade e a criticidade desde uma interlocução com as próprias experiências.

A “arte só na aula de Artes?” (MARTINS, 2011) é um questionamento importante quando se fala em educação, não só porque questiona a arte estar associada a uma disciplina, mas também, porque traz a discussão a possibilidade de uma visão interdisciplinar da educação. Nesse cenário, a arte nos parece uma linguagem capaz de permear as disciplinas trazendo-as a um diálogo profícuo no qual a sensibilidade e o olhar para a subjetividade favorecem conhecer através do expressar. A potência da arte



está na diversidade de linguagens que a habitam, diferentes habilidades corporais dormentes são exercitadas pelo desenvolvimento dessas linguagens: “O envolvimento com a arte – e sua criação – aguça nossa visão; ela apura nosso pensamento, dá origem à expressão, nos provê acesso aos próprios sentimentos, e – quando realmente funciona – a arte ensina a disciplina e reforça a autoconfiança de realizar tentativas e novas experiências. E como um adicional, a arte força a desacelerar e refletir sobre a vida” (KOSROF, 2005 - tradução nossa).

A educação com a arte deixa de frisar certas racionalidades e passa a diversificar, pluralizar a forma como a racionalidade pode ser trabalhada e como sua associação com o sensível densifica a subjetividade de quem as pratica. Ela tira a centralidade da leitura, da redação, dos olhos, da postura do aprendiz: aquele que senta e escuta e centraliza o corpo, o aprendiz corporal, o corpo como um todo, a arte desperta para o corpo desde um fortalecimento dos nexos nele existentes.

O presente texto se estrutura trazendo primeiramente a discussão de uma proposta epistemológica que possa nos ajudar a realizar a discussão da educação geográfica, aqui, sendo proposta, na realização do Diário da Natureza. Posto isso, partimos para trabalhar o próprio diário explicitando as razões pelas quais o entendemos como uma prática potente para a realização educação geográfica preocupada com sua dimensão ontológica.

A PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA DE GOETHE: o conceito de building

Segundo Bortolf (1996), o pensamento de Johann Wolfgang von Goethe diverge do mecanicismo predominante no cientificismo de sua época (século XVII e XIX), sobretudo, pela imposição do empirismo centrado nas mensurações dos fenômenos naturais que reduziu a realidade às suas propriedades quantitativas e as determinou como absolutas. A legitimidade do conhecimento, dentro do mecanicismo, está ligada à razão lógico-matemática, que instaura as bases da ciência moderna. Goethe opõe-se a essa forma paradigmática de compreensão dos fenômenos naturais partindo de uma racionalidade que unifique a razão e a sensibilidade e, assim, possa compreender os fenômenos naturais de maneira complexa e orgânica. Tal racionalidade contesta uma postura lógica e analítica, que trabalha com a linearidade que limita a compreensão dos



fenômenos partindo da parte seguindo para o todo e assumindo que a causa dita uma consequência.

A proposta de Goethe assume uma racionalidade que pense a unidade do fenômeno, recolocando, assim, os termos da relação entre o todo e a parte de modo, que o todo está presente na parte e a parte presente no todo: o todo não se trata de uma somatória das partes, pelo contrário, o todo e a parte são sempre coexistentes. Tal proposta enseja uma epistemologia, que segundo Boltolf (1998) e Seamon (1998), aponta para realização de uma fenomenologia da natureza: o conhecer se dá pela possibilidade do fenômeno mostrar-se em sua inteireza, a aproximação com a natureza dá-se sempre pela abertura à natureza. Goethe não acredita em uma epistemologia calcada, exclusivamente, em experimentos laboratoriais que realizam uma reconstituição dos fenômenos por meio de fabulações mentais, métricas e demonstração de pressupostos (RUEGER 1992-1993). Essa reconstituição trata do fenômeno como um fator isolado de sua trama complexa de nexos.

Conhecer um fenômeno na perspectiva de Goethe significa buscar a fenomenalidade desse. E o conhecimento torna-se sinônimo de uma prática cuidadosa de observação fenomenológica (ROOT, 2004): observação que busca aprofundar-se no fenômeno que busca alcançar a logia de sua fenomenalidade, a logia do ser desse fenômeno.

Essa prática será denominada de Building que se trata da gestação de uma sensibilidade à fenomenalidade. Building fundamenta e é fundamentado desde um posicionamento epistemológico em que conhecer deixa de ser uma atuação sobre o fenômeno. Conhecer é uma atividade que se dá sempre junto ao fenômeno, pensar o fenômeno torna-se ativamente acercá-lo e envolvê-lo em sua inteireza. Contudo esse pensar exprime a necessidade de uma racionalidade sensível (BORTOLF, 1998, p. 291). Building trata-se de um processo de educar a sensibilidade àquilo que não é evidente: a fenomenalidade dos fenômenos. Essa não se configura como um objeto, a fenomenalidade escapa a circunscrições desse gênero, em sua inteireza ela encontra-se no seu próprio acontecer. Para alcançá-la é preciso estar presente vivamente no seu próprio ato de realização: ser-com.

Educar à sensibilidade também é considerar que o saber geográfico não é construído apenas através do pensar, mas envolve toda nossa realidade corporal.



Primavesi e Lui-Pan (2013) apontam como a transformação de uma consciência corporal, de um aprendizado integral em apenas ouvir e ver levaram a uma intelectualização do conhecer: a priorização do sujeito cognoscente da modernidade. Esse sujeito perdeu as dimensões do pertencimento, da vivência comum, especialmente com aquilo chamado de não humano, a intelectualidade, com o apriorismo da racionalidade, soterrou a noção de inteireza do corpo. Os estímulos ao corpo deram lugar ao estímulo letrado, uma atividade que volta o sujeito a um isolamento, em outras palavras, o sujeito que tem sua subjetividade encurtada, estreitada.

Buscar a sensibilidade é revigorar no sujeito o operar com e nas pausas diante daquilo que nos chama atenção, ao invés de acelerarmos e correremos para concluirmos algum tópico. É deixar que, através da pausa, cada frase possa nos tocar e nos dizer para que também possamos dizer sobre elas. É permitir que debruçarmos o tempo necessário para que nosso interior esteja em contato com nosso mundo exterior neste amplo processo de ensino e aprendizagem. Então, ao propormos o diário, referimo-nos a algo que envolve três aspectos: nosso estar e perceber o mundo, nosso modo de saborear internamente as percepções que nos sensibilizam e nossas formas de expressar aquilo que foi experienciado, inserindo-nos em um nexos complexo de relações e de experiências com a outriedade.

O conceito de Building não se reduz à mudança da postura analítica, linear e quantitativa do conhecimento, trata-se de uma transformação profunda da racionalidade e na “forma de ver o fenômeno” que adentra a dimensão ontológica do conhecer, quando expõe o ser à complexidade de nexos existências tão profusos, expandindo a subjetividade até que essa se aperceba envolvida em vínculos ancestrais comuns à todos os fenômenos: que se entenda radicalmente presente na realidade imediata. Descobrir a unidade do fenômeno é, de alguma maneira, desvelar o fenômeno em sua fenomenalidade em uma profundidade suficiente para abrir a “dimensão da inteireza” – dimension of wholeness (BORTOLF, 1996) – ou seja, a condição de toda possibilidade do ser.

Goethe concebe o Building como a profundidade da intuição ou a “forma de ver os fenômenos” que dá acesso à dimensão intensiva do fenômeno, a dimensão da inteireza. Essa “forma de ver” realiza o câmbio do modo analítico e intelectual em favor de um modo intuitivo e holístico (BORTOLF, 1998). O Building transforma a



experiência do fenômeno na possibilidade da experiência da comunidade da “dimensão da inteireza” desde um modo ativo de pensamento intuitivo, ou seja, a experiência do fenômeno dá-se como experiência de sua fenomenalidade: traçar a inteireza do acontecimento do fenômeno. O pensamento ativo é onde o fenômeno pode habitar em sua plenitude, dito de outro modo, o pensamento ativo abre um espaço para o fenômeno em sua inteireza. Esse abrir significa um alargamento do ser, um acontecimento transformativo que eleva a consciência a dimensões de compreensão profundas do si pela imersão no fenômeno, confiando na intuição para adentrar em sua inteireza (AMRINE, 1998).

Esta é uma perspectiva que destaca palavras como inteireza, comunhão, compreensão profunda e alargamento do ser. É algo que nos faz projetar luz para pontos que, comumente, estão nas sombras do processo educativo. É poder olhar para aquilo que nos faz integral em nossa relação conosco, envolvendo o outro e o mundo. O fenômeno se revela na relação, não há como pensar a construção do saber geográfico se também não nos dispusermos a estarmos na relação. Não se trata de olhar para o mundo como se estivéssemos fora dele, mas ao contrário, estamos no mundo e este ser e estar no mundo nos afeta e nos sensibiliza. O convite é para que possamos potencializar algo que já nos é inerente.

DIÁRIO DA NATUREZA: uma experiência de abertura ao geográfico

Pensemos primeiramente na expressão experiência de abertura ao geográfico, podemos decompô-la em experiência e geo-gráfico: experienciar a grafia da geo. Quer dizer, experienciar a forma manifesta da grafia da terra, o fenômeno manifesto e manifestante da grafia terrestre. É experienciar em sentido mais forte o grafar da grafia terrestre, o acontecer fenomênico dessa grafia. Entendendo o grafar como o colocar-se em expressão dessa geo. A experiência de abertura ao geográfico é o caminho à expressão dessa geo. Dardel (2011) já apontou como a geografia em ato significa compreender as impressões da geo: terra. Indo além a geografia, como conhecer da geografia, dá-se como expressão da compreensão dessas impressões, como um esforço em colocar em expressão a logia dessa geo-grafia. O conhecimento geográfico trata do aprofundamento nessa logia, em colocar, em linguagem humana, a logia desse onto: geo, isto é, a logia desse ser terra que está grafado, que está a grafar-se.



Existem muitas linguagens as quais se possa dar expressão às impressões, seja música, desenho, escultura, escrita, cada uma delas, desdobrando-se em suas singularidades, resultam em uma gama quase inesgotável de caminhos. Contudo, a potência expressiva dessas linguagens permanece dormente enquanto se enfatiza uma racionalidade que em nada se serve além de uma linguagem lógico-matemática; os momentos voltados ao silêncio, à concentração, à introspecção são quase ausentes dentro das tumultuadas rotinas diárias. O silêncio favorece nossa solidão criativa, liberta-nos, une nossa imaginação e memória e aproximam os devaneios da infância aos devaneios de poeta que une as rupturas da infância ao longo da vida, como aquelas causadas pela objetivação frente à imaginação e retoma a infância como estado de alma em seu caráter eterno (DIAS, 2016).

Neste existencialismo poético, “o ser infância liga o real ao imaginário, vivendo com toda imaginação as imagens da realidade.” (BACHELARD, 2009, p.102). A ideia é que a existência poética das crianças e poetas possa ser contemplada em sua potência no universo escolar. Um outro modo de ver, simbolicamente, as cores do mundo ou o mundo em suas cores ou ainda o mundo em sua expressão em cores. Para Eric Dardel (2011) essa “cor” que a realidade nos aparece varia e tal variação no permite “ver” “o transbordamento das coisas para fora delas mesmas.” (DARDEL, 2011, p.39).

Atividades que cultivam um estado de concentração são poucas ou ausentes no modo de vida moderno em que prevalece uma profusão de estímulos sensoriais, quase sempre contraproducentes a qualquer desenvolvimento de uma sensibilidade fina: as sutilezas passam despercebidas e os sentidos permanecem atrofiados pelos excessos. Sons, gostos, imagens só alcançam os sentidos se forem espetaculares e no fim ficamos apenas com ruídos, pouco ou nada de sutil consegue alcançar os sentidos em profundidade. Dito de outra forma, esses excessos estimulam os sentidos sem causar movimentações profundas, como jogar pedras num lago, a superfície se encrespa, franze e levanta, no entanto, suas partes mais profundas permanecem intocadas.

Geo-grafar a terra exige que essas águas mais profundas sejam alcançadas, que a experiência cruze até as profundezas, é preciso que a fenomenalidade do grafar-se do terrestre nos alcance nessa profundidade. Ativar nossa sensibilidade ao geográfico é estar atento ao grafar da terra, estar aberto ao geográfico, é perceber-se permeado dessa expressão do terrestre, é tornar-se o recanto onde o terrestre pode estar manifesto: a



impressão que essa grafia é capaz de provocar em nós enquanto uma experiência transformativa da compreensão da logia de nosso próprio ontos. A sensibilidade ao geográfico é entrar em contato íntimo com essa grafia terrestre para que ela possa se verter em uma linguagem humana, o que só acontece quando, e somente quando, reconhecemos nossa intimidade que ao mesmo tempo reconhece a intimidade terrestre: quando a logia da geo se confunde com a logia do humus – de onde todo humano se deriva. A experiência do geográfico é o entrar em contato com esse recôndito de intimidade, para isso é indispensável estar familiarizado com o âmago de nossa sensibilidade.

Procurando por possibilidade de estabelecer essa familiaridade, encontramos o Diário da Natureza. Entendemos esse diário como uma abertura à expressão, um espaço de criação que oportuniza a curiosidade e a descoberta. Dito de outro modo, o Diário da Natureza é a prática de colocar em linguagens humanas a experiência do geográfico. Essa prática amplifica a sensibilidade à realidade circundante, àquilo que anuncia nas menores sutilezas. É uma prática de renovação da sensibilidade àquilo que se dá livremente: a fenomenalidade dos fenômenos.

Pensemos a confecção do Diário da Natureza como uma prática plural, assim como é plural o universo escolar. O diário oportuniza explorar a curiosidade e a criatividade em suas diversas facetas, ele propõe buscar a complexidade das diferentes e diversas formas de manifestação dos fenômenos, de não se precipitar em conclusões e definições a respeito de um dado fenômeno: entendido como qualquer acontecimento banal, qualquer presença a que se esteja diante. Todo espaço, todo lugar é rico em possibilidades de se conhecer. Toda escola, toda praça, todo bairro, toda rua, é uma profusão de possibilidades de encontros, de manifestações. O esforço é criar momentos e atividades que priorizem e oportunizem as experiências diretas, que dê espaço para a curiosidade, para o desejo de descobrir e explorar. Tais experiências dão-se como um espaço de liberdade e de expressão das faculdades humanas e seu consequente desenvolvimento.

Assim como os fenômenos devem ser vistos por diferentes ângulos, também, são diversas as vias pelas quais eles podem ganhar expressão, seja uma pintura em aquarela, um desenho em grafite, uma fotografia, um desenho em nanquim, uma abstração em cores, pequenas passagens, citações, poemas, criações livres, narrativas encontram



espaço nas páginas de um Diário da Natureza. A composição de cada página, os elementos presentes, as proporções são expirações próprias de inspirações complexas. O segredo está em compreender essas páginas como um exercício paciente, cuidadoso de descobrir novas formas, novas texturas, novos sombreamentos, novas cores, aguçar a perspectiva, entender as linhas que definem aquilo que se observa. Observar tudo aquilo que aparece aos olhos buscando aprendê-lo em seus diversos aspectos, adentrando sua solidez num exercício imagético e imaginário. Ser capaz de ver a tessitura dessa solidez é a arte da Arte e fazer brotar o si mesmo nessa forma manifesta, simbiótica com a criação artística é a potência da Arte de desvelar ser em si mesmo, a arte da Arte é a busca da logia do ontos: ela revela a complexidade de cada fenomenalidade, ela testemunha os fenômenos.

Como espaço plural, o Diário da Natureza traz a possibilidade de trazer à potência da arte a educação, sabendo que a arte oportuniza momentos de observação, concentração, introspecção, contemplação. Momentos das minúcias, dos detalhes, dos pequenos fluxos, isto é, momentos nos quais as pequenezas têm tanto lugar quanto as grandezas, nos quais a lentidão se complementa com a agilidade, que a graça se completa com a brutalidade: momentos de descoberta de equilíbrios finos, de harmonias profundas, de concordâncias espontâneas, de liberdades gratuitas. É uma prática para aguçar a imaginação a partir da criação da logia desses momentos: é um geo-grafar atento, ativo, receptivo, sensível que se compõe pela arte fina de ver a realidade em seu acontecer. Ou de descobrir a fenomenalidade da realidade (geográfica): educar-se a perceber a logia do ser da realidade, reconhecer sua geo-grafia profunda.

A confecção do Diário da Natureza dá-se como uma prática em que diversos saberes estão presentes: biologia, física, química, matemática, história, educação física. A logia dos fenômenos, a dimensão da inteireza fica impedida em uma visão parcelada, disciplinar. A complexidade da logia dos fenômenos necessita de uma prática interdisciplinar capaz de envolver diversos campos do conhecimento e desenvolver diversas linguagens. Num sentido mais profundo, o interdisciplinar levanta o debate de como abordar esse interdisciplinar nas atividades escolares e o que seria uma interdisciplinaridade que transgride as fronteiras de conteúdo de modo a criar um espaço dedicado à livre expressão criativa e imaginativa. Isto é, tomar o cuidado de não assumir o interdisciplinar como um conjunto de disciplinas atuando sobre um tema, como uma



dissecação do tema pelas diversas áreas do conhecimento, mas trata-se de trabalhar as permeabilidades disciplinares presentes em cada tema levantado. Entendendo que nenhuma disciplina é circunscrita, ela sempre dependerá do diálogo com as demais para construir o entendimento de qualquer fenômeno (PEREIRA, 1996).

O interdisciplinar torna-se o âmbito no qual o fenômeno pode ser devolvido em sua cadeia de nexos, conexões, interdependências. Trazer a Arte para o educar, assim como a valoração do experienciar, oportuniza uma observação dos fenômenos em sua própria ambiência; observar os fenômenos abre-se em ver como a cadeia de nexos na qual estar inserido o afeta. Para dar os contornos, a profundidade, as cores apreende-se como os jogos de luz e sombra produzem as cores, definem o volume e a profundidade e, assim, uma vez que se observa, com a sensibilidade aguçada, aquilo que está ao nosso redor, adentramos novas camadas da realidade e despertamos as belezas sutis de cada coisa; quando vemos de forma diferentes questões sobre aquilo que nos habituamos a pensar, sentir (KOSROF, 2005). Os questionamentos da Arte mobilizam uma expressão subversiva às formas lineares de narrativas circunscritas a uma visão de mundo e regida por determinados aspectos da realidade.

O esforço interdisciplinar, potencializado pela Arte, é a oportunidade de cultivar um espaço à linguagem da complexidade de nossa realidade. A realidade exige um pensamento complexo, pensar a complexidade é aperceber-se da integridade da realidade. Por isso, dizemos que não se trata de uma atividade dentro, somente, do escopo da disciplina, porque estamos falando das dimensões de constituição ontológica do humano ou, de outro modo, falamos da compreensão da logia do ser-humano voltando à sua origem: ao ser-humus. Tal compreensão não pode estar circunscrita a uma disciplina ou a um espaço, essa compreensão engloba todos os lugares de vivência. Então, seja exploração do jardim ou horta da casa ou da escola, seja (re)descobrir nos trajetos cotidianos uma flor na calçada, as folhas que caem das árvores, o som dos pássaros, seja, ainda, numa visita ao parque da cidade ou a porção rural do município, ou numa exploração dos museus de história natural, Jardim Botânicos, bosques.

As possibilidades estão em todo lugar e basta o básico: caderno, lápis grafite ou de cor, uma aquarela, um bloco de argila, uma massa de modelar, alguns livros sobre artes. Basta andar pela cidade como prática cotidiana e vivê-la em seu potencial para educar para o sensível. Mesmo que nosso ambiente urbano esconda e dificulte



aperceber-se conectado ao terrestre, uma vez que, a pulverização e a individualização ocorrem socialmente e se ramificam para uma dissociação com aquilo que não é humano, a cidade é o ambiente humano, é o construído, projetado por humanos e para humanos. Mas ainda assim, existem pulsões de vida, recantos em que o natural se apresenta em seu estado primevo. A paciência, a atenção e o desejo de achá-los faz parte do processo de entender as conexões que tecem a realidade.

Destacamos de uso manual de diversos materiais, dentre as possibilidades como a dos blogs e da arte digital, pelo incentivo justamente à lida manual seja dos artefatos artísticos, seja da materialidade daquilo observado. A confecção dos diários oportuniza o desenvolvimento de um aprendizado multidimensional entrelaçando aspectos intelectuais com os sensoriais, as habilidades mentais com as corporais, melhor dito, o diário é a possibilidade de perceber o indissociável dessas habilidades. A criação manual coloca o si em contato consigo: a observação e a imaginação se realizam num ato criativo que afeta o corpo tornando-o cômico de si e despertando-o em suas potencialidades, o exercício da expressão e da observação elucida aquilo que nos cerca, os objetos, as pessoas, os animais ganham uma riqueza de detalhes, os olhos que antes percorriam o mundo como uma superfície plana dão ao mundo a sua densidade, sua materialidade pela complexificação das texturas, dos efeitos de sombra (KOSROF, 2005).

Dessa maneira, potencializa-se o empoderamento sobre o próprio processo educativo porque aprofunda a relação do sujeito consigo mesmo, ele descobre-se em seu próprio ato criativo, podendo o processo de aprendizagem ater-se a uma subjetividade. É geografiar em ato via experiência e expressão. E expande a capacidade perceptiva, a sensibilidade a logia dos fenômenos, o ser do fenômeno se densifica porque ganha-se um novo vocabulário para compreender a grafia terrestre, a profundidade com que se adentra os fenômenos dá intensidade à sua expressão, ou à expressão de uma impressão profunda nessa subjetividade que se coloca diante dele. Sensibilizar-se ao geográfico é abrir-se a profundidade, espessura e solidez da realização dos fenômenos, é entender que a logia dos fenômenos - o ser do fenômeno - se realiza em substância, em consistência. O despertar propiciado pela Arte é, sobretudo, dar substância à realidade, retirando-a do universo abstrato dos conteúdos teóricos, dos simbolismos e dos conceitos e, assim, compreender a condição terrestre do ser-humano.



O Diário da Natureza mostra-se como uma prática que encoraja, pela liberdade criativa associada à sua realização, a construção de sentidos pela própria realização sensorial, pela própria observação da realidade suplantando práticas que potencializam a alienação e o afastamento da corporeidade e de sua sensibilidade. O diário pode ser entendido como uma prática viva da educação em que a fenomenalidade do fenômeno aparece em pequenas surpresas, descobertas dos próprios sentidos a nuances de cor, luz, cheiros e sons. A atenção aos aspectos mais efêmeros, as revelações mais singelas do fenômeno da realidade. E mais, é valorizar na escola a atenção às miudezas que nos rodeiam, o esforço da Arte entra em romper a planificação, a homogeneização daquilo que se vê, é sensibilizar o olhar a notar que as sombras não se apresentam numa única tonalidade e cor, a vegetação não é uma superfície homogeneamente verde, os efeitos de luz dão tonalidades alaranjadas, avermelhadas, azuladas e mesmo o verde se apresenta diversamente. A Arte busca expandir a paleta com que a subjetividade concebe os fenômenos que experiencia.

Oportunizar a expressão criativa nos parece irrestrita a qualquer idade escolar. Embora seja claro que cada idade envolve ordens de habilidades diferentes exigindo que a proposta seja contextualizada a elas, como um diário de experiências, este compete tanto às crianças, quanto aos jovens e, mesmo, aos adultos. Em sua força mobilizadora, no cerne da sua confecção, está a curiosidade. A curiosidade transforma qualquer lugar em um espaço de educação e a sua liberação, ou a sua potencialização, transforma a sensibilidade. A possibilidade de abertura a toda ordem de grandeza da realidade renova o desejo pelo “ar livre”. Dardel (2011) expressa esse desejo como uma libido geográfica, o desejo humano em descobrir, em experienciar é parte daquilo que o constitui como humano, na medida em que, cultiva a sensibilidade à experiência geográfica: o descobrimento no geográfico o complemento a sua incompletude.

Esse descobrimento expande o si, rompe com suas fronteiras e o situa numa unidade, em uma comum-unidade com tudo o mais. Unidade cuja confecção só se conhece no próprio acontecer de sua confecção, só é possível aperceber-se da unidade estando em união. Para tanto a prática é a de imersão em uma composição de uma autobiografia geográfica que se trata de um processo de revelação de si mesmo numa crescente consciência do presente, do estado presente da realidade e de si. A frequência do diário arranja um memorial do alargamento e aprofundamento das movimentações



da subjetividade. A cada vez, a cada página, a cada traço, a cada cor, a cada silêncio, avança-se para águas mais profundas que envolvam a construção do saber do geográfico, da tessitura da logia dessa grafia terrestre.

Trazemos um exemplo, não uma diretriz para que seja replicada, da prática dos diários. A força do diário está em sua pluralidade e abertura para que o mundo contemplado possa ser expressado nas mais diferentes formas.

No texto intitulado “Students’ stories: Adolescents constructing multiple literacies through nature journaling”, Sally McMillan e Jennifer Wilhelm (2007) apresentam sua proposta de atividade trazendo os esforços de Anna Botsford Comstock, esta dedicou-se a pensar em uma educação onde os elementos naturais fossem centrais no entendimento dos conceitos e teorias das diversas disciplinas e, sobretudo, centrais na sensibilização ao mundo, aos outros e a si mesmo. Para Comstock, o estudo daquilo que é vivo, natural torna-se na oportunidade de desenvolver a própria subjetividade (entrando em contato consigo mesmo) e expandir-se ao aprender sobre existências outras, isto é, é um experienciar a vida em todas as suas formas. As autoras expõem como atividades que envolvam experiência direta dos fenômenos diversos causam um retraimento, um estreitamento na capacidade compreensiva dos jovens, especialmente, quando se exige uma apreensão metafórica, imagética. Elas questionam: como jovens, que têm pouquíssimas experiências de envolvimento com elementos naturais\ambientais, poderiam compreender menções feitas a esses elementos, sobretudo na literatura, estando desconectados deles.

Esses elementos se tornam, em grande medida, incompreensíveis a jovens e, nesse sentido, o estudo daquilo que cerca esses jovens, o estudo das manifestações dos elementos naturais\terrestres desenvolve, nos jovens, capacidades reflexivas, comunicativas, criativas e estimula sua sensibilidade. Essa gama de habilidades não é interesse de uma disciplina em específico, mas um esforço interdisciplinar de constituição e adensamento da subjetividade dos jovens.

Partindo para a experiência com os diários, destaca-se a importância dada por Comstock aos cadernos de campo, as anotações das experiências, das observações sobre os fenômenos vistos. Partindo disso, as autoras propuseram confeccionar um Diário da Natureza, que chamaram de “diário da lua”, nesse os jovens entraram com suas observações a respeito da lua ao longo de cinco semanas. Incentivou-se que as entradas



do diário tivessem diferentes formas de constituição de sentidos, de expressão do observado, assim, além de escrever, os jovens também faziam desenhos. Os diários se compuseram em diversas observações a respeito da lua e do fenômeno das fases lunares. Ao longo dessas semanas, houve um esforço interdisciplinar, sendo as experiências dos jovens exploradas em outros contextos: a matemática com cálculos das crateras lunares, as ciências ao entender os movimentos terrestres, línguas/literatura ao trabalhar lendas, poemas, prosas que trouxessem o fenômeno lunar como cerne.

Essa prática, que suscitou nos jovens um contato direto com seu ambiente, teve uma influência positiva na percepção da natureza e de si mesmos, bem como, incentivou a compreensão e apreensão do uso de novas formas de linguagem. É importante perceber que os diários não expressam uma mimese daquilo que foi observado, existe um efeito plasmático na criatividade e imaginação derivados em imagens, narrativas literárias que retêm o processo de aprofundamento da realidade, do ganho de densidade e espessura dos fenômenos que se apresentam na criação artística. Essa revela a abertura da subjetividade a logia dos fenômenos, como a subjetividade passa a recolher, de maneira mais profunda, essa logia, como ele dá espaço ao ser de cada fenômeno em sua inteireza, a subjetividade no ato se expande para recolher o ser do fenômeno até que se possa romper com as bordas do ser em si e se alcance o ser-com.

O DIÁRIO DA NATUREZA COMO BUILDING

Articulamos a prática do diário da natureza com a proposta epistemológica de Goethe partindo do Building no sentido de pensar uma educação geográfica desde sua fundamentação ontológica: logia do ontos. O Diário da Natureza aparece como uma prática de desenvolvimento de múltiplas habilidades, englobando o intelecto e a corporeidade, abrindo a sensibilidade em um tempo de pausa para contemplação, introspecção e expressão como forma de constituição de um sentido profundo de si e da realidade. A composição do diário permite construir uma biografia: grafar a sua própria bio, num sentido de autocompreensão que revela o si, quando torna o si cômico de sua presença na realidade imediata, de sua inserção radical no real e quando dá a profundidade do real, isto é, quando a experiência do encontro com os fenômenos deixa



de dar-se em um plano chapado, quando eles são conhecidos em sua textura, densidade e espessura.

O Building é um processo de rompimento do isolamento das subjetividades, do estreitamento do pensamento e da percepção, mostrando-se como uma proposta epistemológica na qual o conhecer dá-se num fluxo entre realidade e sensibilidade gestado por um pensamento ativo. O Building é o processo de educar a um estado consciente, um posicionamento ativo e pensante do estar presente, é educar a sensibilidade às manifestações fenomênicas, é educar a expressão daquilo que nos impressiona: aquilo que vivemos. Algo que muitas vezes está fora da escola, mesmo que, paradoxalmente, esteja sempre conosco na escola. Não nos separamos do que sentimos e daquilo que nos afeta, então por que forçar tal separação ao valorizarmos apenas o pensar como meio de construirmos um saber disciplinar, ao disciplinar o saber geográfico às faculdades cognitivas apenas?

O Building abre uma renegociação do saber, descerrando o conhecer à imaginação, à memória e aos devaneios entendendo-os como experiências primárias para a elaboração daquilo que entendemos como geográfico. O Diário da Natureza potencializa essa renegociação como uma prática que coloca em processo um conhecer ativo e, sobretudo, criativo capaz de desvelar a logia dos fenômenos: a sensibilização a fenomenalidade do fenômeno, o ontos em seu próprio acontecer. Esse processo criativo trata do empírico, da experiência não como uma instrumentação do conteúdo científico, mas como a entrada nas dimensões recônditas da realidade, como a arte de apreender aquilo que se apresenta e se presentifica: adentrar a dimensão de inteireza dos fenômenos associando razão e sensibilidade ao ato de conhecer. O Diário da Natureza como Building é a intensificação da descoberta, no sentido mais forte do termo: potencializar a sensibilidade a logia de cada fenômeno.

Como possibilidade à educação geográfica de propor o conhecer geográfico como uma abertura ao geográfico desde a expressão da experiência das diferentes subjetividades, os diários recolocam o sentido do saber geográfico e densifica o termo trazendo a composição desse saber à integralidade dessa subjetividade que se deseja frutificar, essa integralidade só se apresenta quando pensamos numa experiência integral, numa vivência integral, quando admitimos que o estar presente dessa subjetividade traz consigo uma história. O diário será a expressão dessa subjetividade



cuja geografia não pode se limitar aos conteúdos teóricos, a educação geográfica envolve o geográfico como a expressão de uma subjetividade em expansão, que se projeta em imaginação e criatividade. A expressão criativa dos diários grava esse apresentar-se à realidade. O geográfico grava, num ato criativo, o âmago daquele que expressa, do mais profundo de sua experiência: o sair de si mesmo; e só pode ter/nascer como uma compreensão profunda da fenomenalidade da realidade.

Cada entrada do diário é o revisitar e o renovar de uma impressão, cada entrada é lidar com a logia daquilo que se apresenta, intensificando a sensibilidade à realidade. Entrada após entrada, vai solapando as mediações conceituais e teóricas: o conhecer torna-se vivo, dá-se na radicalidade do estar presente. O estar presente abre a dimensão ontológica do conhecer, na medida em que, a cada entrada, é preciso lidar com a logia do fenômeno da realidade que se ramifica na logia de cada fenômeno. O diário da natureza dá-se como uma educação geográfica ao anunciar a logia da realidade como a logia da própria grafia da geo: a logia da realidade só pode ser geográfica.

Destacamos um ponto que consideramos essencial: o conhecer diferindo da assimilação. Destacamos porque assimilar enraíza-se em uma postura epistemológica de desequilíbrio em que os fenômenos são posicionados como objetos e, a partir disso, tem o seu ser esvaziado: desmaterialização da realidade própria das coisas, como se, no ato de conhecer, tivéssemos tomado na consciência o ser dos fenômenos, ou, como se a logia do fenômeno deixasse de pertencer a ele, como sua própria realização, em prol de uma racionalização abstrata dessa realização. A logia dos fenômenos não é elucidada, mas sim, substituída pela sua representação.

O conhecer que buscamos ou a fundamentação epistemológica que discutimos dá-se como ato de sensibilizar-se a constituição da realidade em si mesma. O presente que nunca está fora de si, o presente é sempre desde si mesmo. O conhecer não é refugiar em nossa consciência a realidade, pelo contrário, conhecer é dar espaço para que a logia dos fenômenos se exponha imergindo na radicalidade do presentificar-se, é apenas no fluxo do presente que a logia da fenomenalidade da realidade é. Conhecer é permitir que experiência de mundo possa ser base do saber-se geográfico através de uma dimensão criadora, criativa e movente: a logia do ontos.

O Diário da Natureza se mostra como uma prática de educação geográfica como uma forma de expressão criativa que fomenta uma racionalidade rizomática. Rompendo



com as linearidades, ela se expande desde e pela logia do fenômeno: o geográfico. O Diário da Natureza trabalha o conhecer como a contínua aproximação a logia da presença, do presente, da realidade, do geográfico profundo própria da realização de todo presente ou a racionalidade de toda logia do ontos. O diário é o conhecer pela experimentação radical, é um ato de geografar: grafar a geo: terra como um ato de compreensão da logia do ontos dessa geo. E, assim, o Diário da Natureza, como uma possibilidade à educação geográfica, enfatiza esse ato de compreensão como a abertura ao ser geográfico, sabendo que a logia desse reside em sua fenomenalidade: a presentificação radical da geo.

REFERÊNCIAS

- AMRINE, Frederick. The metamorphosis of the Scientist. In: SEAMON, David; ZAJONC, Arthur (Eds.) Goethe's Way of Science: a phenomenology of nature, New York: State University of New York Press, 1998.
- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BORTOLF, Henri. The Wholeness of Nature: Goethe's Way Toward a Science of Conscious Participation in Nature. New York: Lindisfarne Press, 1996.
- BORTOLF, Henri. Counterfeit and Authentic Wholes: finding a means of dwelling in nature. In: SEAMON, David; ZAJONC, Arthur (Eds.) Goethe's Way of Science: a phenomenology of nature, New York: State University of New York Press, 1998.
- DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Infância em Gaston Bachelard: reflexões sobre o ensino de geografia. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 22, n. 2, p. 162-170, dez. 2016.
- KOSROF, Wosene Worke. The pleasures and dangers of learning to see. In: UNESCO. Education through Art: building partnerships for secondary education, Newark: UNESCO, 2005.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte?. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, setembro-dezembro, 2011.



MILLAN, Sally; Wilhelm, Jennifer. Students' stories: Adolescents constructing multiple literacies through nature journaling. *Journal of adolescent & adult literacy*, v. 50, n. 5, p. 370-377, Fevereiro, 2007.

PEREIRA, Marcos Villela. Educación Estética e Interdisciplinarietà. *Aula Abierta*, n.67, p. 77-94, 1996.

PRIMAVESI, Anne; PUI-LAN, Kwok. *Exploring Earthiness*. Eugene-Oregon: Cascade Books, 2013.

ROOT, Christina. "A Delicate Empiricism": Goethe's science and Wordsworth's "Waterfowl". *Wordsworth Circle*, v. 35, n. 1, p. 33-37, 2004.

RUEGER, Alexander. The Cultural Use of Natural Knowledge: Goethe's Theory of Color in Weimar Classicism. *Eighteenth-Century Studies*, v. 26, n. 2, p. 211-232, 1992-1993.

SEAMON, David. Goethe, Nature and Phenomenology: an introduction. In: SEAMON, David; ZAJONC, Arthur (Eds.) *Goethe's Way of Science: a phenomenology of nature*, New York: State University of New York Press, 1998.